

A vigília contra a recessão convocada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo colocou lado a lado políticos, trabalhadores e empresários.

Velhos adversários unidos contra recessão

LILIANA PINHEIRO/AE

Foi uma noite de cenas inimagináveis a vivida sexta-feira na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema — e que se estendeu até a madrugada de sábado — durante a Vigília Cívica contra a Recessão e o Desemprego, convocada pelo presidente do sindicato, Vicente Paulo da Silva, e prestigiada pelo governador Luís Antônio Fleury Filho (PMDB), a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina (PT), o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente da Fiesp, Mário Amato, o cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, sindicalistas, políticos e empresários. Uma amostra da grande união que nasce em São Paulo contra a "brutal política recessiva do governo", como definiu um dos presentes. Ou o início de uma grande pacto político que nasce em São Paulo contra os "burocratas" de Brasília, como definiu o governador Fleury Filho.

Primeira cena inacreditável: sentados em torno da mesa de reuniões, com uma garrafa de uísque ao centro, como velhos amigos que se reencontram, conversavam Lula, Fleury, Mário Amato, Vicentinho, Erundina, Abram Szajman (presidente

da Federação do Comércio de São Paulo), Alencar Burti, presidente da Federação Nacional dos Distribuidores de Veículos (Fenabrave), e mais alguns prefeitos e sindicalistas.

Depois de alguns anos em que a emoção mais intensa do movimento sindical foi o simples re-

lembrar de um período de ouro de longas greves e muitas conquistas contra a ditadura militar — início da década de 80, quando Lula despontou como liderança —, São Bernardo foi capaz de produzir algo novo nos movimentos de massa. Uma militância amadurecida saiu às ruas da cidade, no anoitecer de sexta-feira, carregando 1.200 tochas de fogo. "Acender a chama da produção, da dignidade, da esperança", foi o slogan que massacrava os velhos gritos de guerra contra generais.

O movimento sindical quer discutir produção, sim — avisava Vicentinho. Quer falar de competitividade, imposto, lucro, investimento. "Perdemos o medo porque hoje temos firmeza ideológica. Queremos conversar com empresários, saber o que eles pensam e colocar o que pensamos", repetia o líder. Por

quê? Porque Vicentinho já sabe o que tem a dizer o cutista, o peão. E os metalúrgicos também já decoraram o seu discurso. Diante disso, decidiu liderar um movimento no qual a CUT saia de seu mundo particular e se transforme em agente social. O desafio do dirigente é o de que empresários e políticos também façam isso.

Fleury sonha com um pacto político contra os burocratas

Para uns o objetivo é o pacto social — expressão que muito agrada a Mário Amato. Para outros o entendimento nacional — esta, usada por Alencar Burti, que chegou a afirmar que algo muito novo e forte nascia no sindicato naquela noite. Fleury Filho não conseguiu esconder seu sonho de um pacto político para colocar São Paulo na linha de frente contra "os burocratas", que há 75 dias não mandam um tostão para os hospitais paulistas. "Dinheiro nunca falta para o governo federal comprar bicicletas e guarda-chuvas", disse, em referência aos mais recentes escândalos da administração Fernando Collor.

O nome que se deu ao que nasceu nessa vigília em nenhum momento foi consensual. O presidente da CUT, Jair Meneguelli, chegava a se perder em definições. "É uma negociação?", perguntou um repórter. "Não, não é. Ou melhor, pode ser", respondeu. Entendimento? "É uma negociação que pode ou não resultar em entendimento. Depende de um acordo".

Meneguelli, antipacto, contrário ao entendimento, comparece hoje cedo a um encontro na USP com empresários que buscam uma saída para a situação do País. O encontro será às 8 horas, no Instituto de Estudos Avançados, com a presença de Luiz Antonio de Medeiros, da Força Sindical; Canindé Pegado, da CGT; Carlos Eduardo Moreira Ferreira, da Fiesp; Emerson Kapaz, do PNBE; e outros. O primeiro encontro foi secreto, há menos de duas semanas, ou, como Meneguelli preferia classificar, "simplesmente não foi divulgada". Objetivo de mais essa aproximação com empresários: encontrar pontos em comum para impor algo como

um projeto que seja uma exigência social ao governo. Mas, isso não é entendimento, assegurou.

Ecumenismo: D. Paulo ajuda Vovô Nair.

Segunda cena inacreditável: D. Paulo Evaristo Arns, por volta de 22h, tentando ajudar Vovô Nair de Vasconcelos, autointitulado líder espiritualista do Candomblé da Nação Angola, a sentar na mesa de debates e ajeitar numa cadeira, dessas de bar, os inúmeros saiotos e babados de seu traje de baiana. Mais ainda, ambos disputando o direito de resposta a pergunta de um metalúrgico emocionado que queria saber "o que é o amor". Vicentinho, mais ou menos nessa hora, andava pelo segundo andar do sindicato, recebendo com um abraço apertado Mário Amato, que acabava de chegar: "Seja bem-vindo ao nosso sindicato".

Amato não fez por menos. Mais tarde, em entrevista coletiva, anunciou: "O fato de sermos recebidos com esta fidalguia já é um pacto". Foi sua segunda visita ao sindicato, mas ele demonstrou a mesma curiosidade da primeira vez. Parou para ler panfletos e cartazes colados nas paredes. Quando foi sua vez de debater a recessão e o desemprego, levantou da mesa, microfone nas mãos, e atacou com um discurso de *self-made man*. "Eu também sou trabalhador. Comecei o meu caminho aos 13 anos entregando cartas". O auditório não se conteve. Entre risos e algumas vaias, produziu uma ameaça de ridicularização do líder empresarial.

Vicentinho olhava o espetáculo preocupado. Mas, Amato, sem ajuda dos organizadores, acabou se saindo bem. "Não pretendo ser agradável a vocês e sim sincero. O que vocês querem?". A massa entou: "salário!". Amato retrucou: "Salário para a inflação comer?". A partir daí, o empresário disparou uma série de perguntas sobre o grau de satisfação dos trabalhadores com saúde, educação, habitação. A cada pergunta, aguardava o auditório responder conjuntamente "Não!". O presidente da Fiesp queria demonstrar que "o dinheiro está sendo desviado para a corrup-

ção". Conseguiu. Acabou aplaudido, se não com entusiasmo, pelo menos com respeito dos metalúrgicos.

Meneguelli abre o jogo: amigo pessoal de Emerson Kapaz.

Terceira cena inacreditável: Jair Meneguelli, no debate sobre sindicalismo frente ao desemprego e a recessão, resolveu fazer uma confissão pública. "Sou amigo pessoal do Emerson Kapaz. Já tomamos muita cerveja juntos." Nenhuma crise na plateia. Mais tarde, Meneguelli tentou algo mais forte. Disse que a CUT estava de braços abertos para receber a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), dirigida por Francisco Canindé Pegado, para juntas, as duas entidades, formarem uma única central. Sem crise de novo. Meneguelli terminou sua fala convocando uma paralisação nacional contra a recessão, até março, com a participação dos empresários. "Não vamos ter medo de falar em greve geral".

Vicentinho adotou uma postura neutra em relação à convocação. Disse que era uma decisão da nova direção da CUT promover um dia nacional de protesto, e assim sendo, "tudo bem". A troca de gentilezas não se resumiu aos revelados encontros entre Meneguelli e Kapaz ou no convite para a união da CUT com a CGT. No painel que discutiu o poder público diante da recessão, Fleury foi apresentado ao auditório pelo prefeito petista de São Bernardo, Maurício Soares, como um governador digno de entrar no salão de assembleias dos metalúrgicos — uma espécie de templo da categoria. Soares avisou logo: "O senhor está entre amigos". E perdeu longos minutos ressaltando a "simplicidade" que seria peculiar ao governador, que compareceu "vestido como a gente" (calça e camisa esporte) e "sem grande aparato de segurança".

No entanto, grupos de professores e funcionários da Saúde ameaçavam vaiar e colocar Fleury contra a parede no debate. O prefeito Soares não deixou. Inutilizou perguntas provocativas e salvou a noite do governador de São Paulo.

Documento de intenções pede uma política menos cruel. Para todos.

A vigília não resultou propriamente em um conjunto de decisões para sair da crise. Mas, num documento de intenções, assinado por todos os participantes, de luta contra a recessão e o desemprego. Fleury anunciou sua disposição de bancar, ao lado da prefeita Luíza Erundina um grande ato público, com facilidade de acesso para toda a população, através da liberação de transportes coletivos. Meneguelli revelou a disposição de parar o Brasil. Os empresários, a de impor ao governo um projeto, discutido com a sociedade, que torne mais digerível a dosagem dos remédios contra a inflação, incluindo política fiscal e de juros. A Igreja Católica, a de atacar o projeto neoliberal "enlatado", segundo

D. Paulo Evaristo Arns.

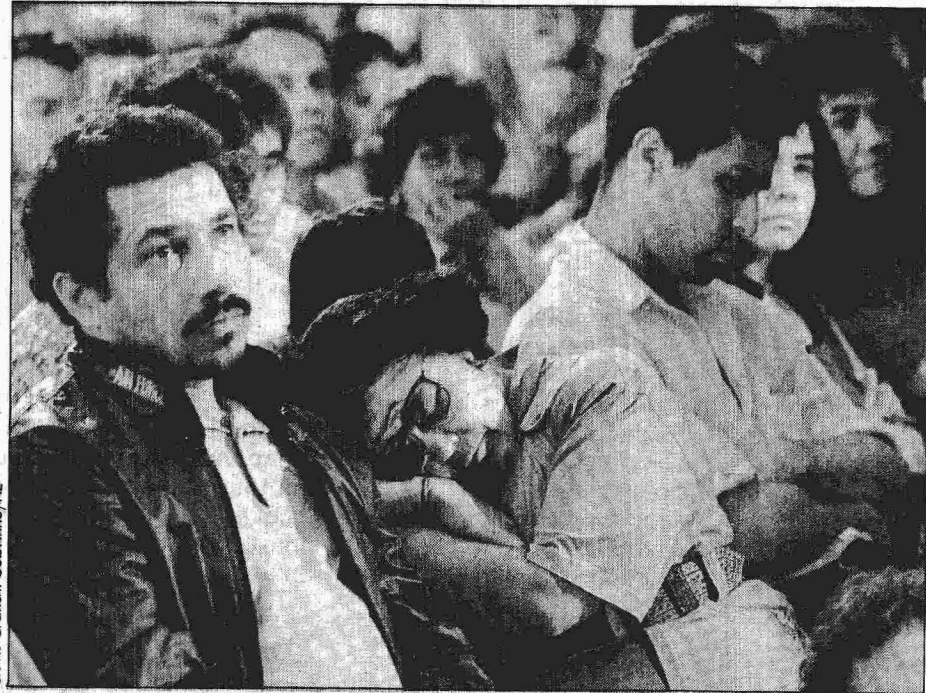
Todos prometeram combater a corrupção. E na cabeça, confessamente, havia o projeto de reeditar um movimento popular como o das "diretas-já", só que não por eleições, mas por moralização. Vicentinho encerrou o ato nesse tom: "Vamos virar um rolo compressor para passar por cima do criminoso do Collor de Mello".

Manifestações

Foram 12 horas de manifestações em São Bernardo. A concentração, de início tímida, no Paço Municipal, a partir de 18h de sexta-feira, foi seguida da passeata até o sindicato. Lá cumpriu-se rigorosamente a programação de cinco painéis

de debates sobre a recessão, intercalados por manifestações culturais com artistas. Foram distribuídos lanches e refrigerantes. Dos cerca de três mil participantes da passeata, restavam mais de dois mil às 6h de manhã de sábado, ainda animados. As faltas notadas foram as de Luiz Antônio Medeiros, presidente da Força Sindical, e do senador Mário Covas (PSDB).

O espetáculo em que se transformou a vigília foi transmitido em telões dentro do auditório e na rua em frente ao sindicato. A Rádio do Trabalhador, operando em FM 106,4 mhz, foi colocada no ar mesmo sem concessão. Atingiu, segundo técnicos responsáveis, um raio de cinco quilômetros. A base da transmissão ficou em sigilo. (LP)



Clóvis Granth Sobrinho/AE

Com suas esposas e namoradas, os trabalhadores passaram a noite no sindicato, mas para alguns o sono foi mais forte.



Clóvis Granth Sobrinho/AE

Fleury, Erundina e Vicentinho estiveram unidos no palanque e nos ataques à política recessiva de Collor.